

ALICE WALKER E ZORA NEALE HURSTON: RESGATE E CIRCULAÇÃO DE ESCRITOS INVISIBILIZADOS

Raphaella Silva Pereira de Oliveira¹

RESUMO

O presente artigo busca refletir como Alice Walker, escritora afro-americana, em uma pesquisa que envolveu solidariedade feminina e racial, reflexos da sua teoria womanista, resgatou as obras de Zora Neale Hurston, escritora do período conhecido como Harlem Renaissance, mas que teve sua produção invisibilizada pelas estruturas sexistas. Busca pensar sobre os modos de circulação da escrita feminina negra, bem como a forma que o resgate das obras de Hurston colaborou para a sistematização dos estudos sobre mulheres negras nos Estados Unidos. Desse modo, promove pensares sobre caminhos para a sistematização da literatura feminina negra no Brasil e de uma epistemologia feita por e para mulheres negras.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura. Mulheres Negras. Resgate. Invisibilidade.

¹ Mestra em Crítica Cultural/UNEB, professora do curso de Letras habilitação em Língua Inglesa na Universidade do Estado da Bahia – Campus XXIII – Seabra. E-mail: rpoliveira22@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1592753260946214>

INTRODUÇÃO

O presente artigo trás algumas das reflexões que iniciei no mestrado do programa de pós-graduação em Crítica Cultural da Universidade do Estado da Bahia² com a pesquisa intitulada “Representações da sexualidade de mulheres negras em narrativas de Alice Walker”. Contudo, é um recorte. Um recorte que é revisitado tempos depois, me permitindo refletir sobre assertivas ditas no passado. Olhar o passado... Esse é o real objetivo desse trabalho. Mais especificamente, olhar o passado da emergência de uma escrita feminina negra estadunidense. Reaprender. Redescobrir o texto, si redescobrir, enquanto sujeito histórico atravessado pelas identidades: ser negra, ser mulher, ter uma classe social, ter uma sexualidade. É objetivo também, pensar como a experiência das intelectuais acadêmicas negras estadunidenses pode contribuir para a sistematização de uma produção intelectual/ literária feminina negra no Brasil e de uma epistemologia feita por e para mulheres negras.

A emergência de uma produção literária realizada por pessoas negras nos Estados Unidos foi um exercício que pode ser traduzido como uma tarefa que mesclou beleza, resistência e sensibilidade. O presente texto tem seus “olhos” direcionados para as escritoras estadunidenses Zora Neale Hurston e Alice Walker. Duas mulheres que se encontram na escrita, cujas palavras são expressões de signos da experiência de ser negra. Escritoras de períodos distintos, mas que usam sua arte como espaço de representação e empoderamento de mulheres negras.

Tentou se, ainda que forma tímida, visitar o período escravocrata dos Estados Unidos, que muito influenciou as primeiras manifestações literárias das pessoas negras (Hattner, 1990). Contudo, o emergir dessa escrita não significou o aparecimento das produções de mulheres negras. Essas permaneceram invisibilizadas pelas estruturas racistas e sexistas estadunidenses.

Rompendo paradigmas de um fazer científico branco e masculino, a década de 1980 é marcada pelo processo de institucionalização dos estudos sobre as mulheres negras nos Estados Unidos. Tal processo contou com uma intensa

² Universidade do Estado da Bahia – Campus II, Alagoinhas.

produção de intelectuais negras engajadas nas mais diversas áreas do conhecimento. Sistematizar os escritos das mulheres negras estadunidenses também compôs esse projeto (Caldwell, 2010). O compromisso com esse ideal é abraçado por Alice Walker, mulher negra que nasceu no sul rural dos Estados Unidos da América (EUA), uma autora que alcançou reconhecimento mundial produzindo uma literatura que reflete seu compromisso com a emancipação das mulheres negras. O uso da palavra é a ferramenta de Walker para alcançar esse compromisso, que versa sobre a existência de uma solidariedade que tem a raça como ponto de encontro.

Hurston também é do sul, sul que ela apresentou a comunidade negra americana na década de 1920, em um período marcado por explosões artístico-literárias de pessoas negras do bairro do Harlem. Entretanto, as produções da autora ganharam visibilidade anos após sua morte, a partir das ações de mulheres negras acadêmicas comprometidas com a visibilidade das produções intelectuais do grupo, dentre as quais, Walker, que empreendeu uma ampla pesquisa de resgate a vida e obra de Zora Neale Hurston. A ação de Alice Walker é intencional. Ela reflete uma das premissas de sua teoria womanista, que doravante será apresentado nesse texto.

Finalizando a discussão, busca-se debater como a experiência de Walker no resgate as obras de Hurston, e em um olhar mais amplo, como a experiência da produção e sistematização dos estudos sobre as mulheres negras nos Estados Unidos, podem contribuir para o fomento dos modos de produção e circulação da produção intelectual/literária das mulheres negras no Brasil.

A metodologia utilizada é a pesquisa bibliográfica, sendo este um trabalho de natureza qualitativa. Os diálogos teóricos foram traçados com as contribuições de historiadores/as pesquisadores/as da negritude nos EUA. Os pressupostos teóricos fornecidos pelo feminismo negro e o *womanism* também forneceram subsídios para os argumentos apresentados nesse trabalho.

1. RAÍZES DAS PRODUÇÕES ARTÍSTICO-LITERÁRIAS AFROAMERICANAS.

Conhecer a história da escravidão nos Estados Unidos é de total relevância para compreensão da emergência dos escritos da população negra desse país.

Como os demais países da América, os Estados Unidos tem em sua história a mancha sangrenta da escravidão, cujo início antecede sua independência, começando quando ainda colônia inglesa: “O primeiro navio holandês com escravos negros chegou à Virgínia em 1619”, conforme Leandro Karnal e outros (2010, p. 63) que pontuam, ainda, que, em duas décadas, em toda a colônia, havia trabalho escravo sob as mais terríveis condições, posto que, para os senhores, as/os escravas(os) eram vistos como bens materiais e tratados da mesma forma que os animais. Aquelas(es) que conseguiam sobreviver à travessia nos navios negreiros (onde havia um alto índice de mortalidade), eram obrigadas(os) a trabalhar arduamente nas lavouras rurais, sofrendo duros castigos.

O número de escravizados(as) era considerável ao Sul da colônia, principalmente na Virgínia e Carolina do Sul onde também existia o medo da rebelião, pois a maioria dos(as) negros(as) não aceitava passivamente a condição de escravos(as).

Em 1776, período da independência, quando as treze colônias se tornaram um só país, os Estados Unidos, não houve alteração na condição dos(as) escravizados(as). Contudo, em 1808, o tráfico é abolido e, em 1830, organiza-se uma luta antiescravista; assim, idéias abolicionistas passam a circular no cenário estadunidense, o que contrariava os interesses dos senhores sul do país, onde a mão de obra escrava era fortemente explorada nas lavouras de algodão e tabaco (MINTZ E PRICE, 2003).

Logo, o processo de abolição e as questões raciais dividiam o recém-formado Estados Unidos: para os donos de lavouras do Sul, era de total interesse a manutenção da escravidão, enquanto a região Norte, onde avançava a indústria, desejava a abolição, pois precisava de protecionismo e de trabalhadores(as) assalariados(as) para movimentar sua economia.

Sem dúvida, a Guerra da Secessão³, entre o Norte e o Sul dos EUA foi um marco na questão da escravocrata deste país. Muitas(os) negras e negros migravam para o norte para conseguir liberdade, pois, nesta região, eram declarados(as) livres, ganhando assim, o título de cidadãos e cidadãs. De acordo com Karnal e outros:

Durante a Secessão, os escravos utilizaram a Guerra Civil do melhor jeito que podiam para se tornar livres: cada vez que uma tropa do Norte invadia uma região confederada, um enorme contingente de negros fugia das fazendas e, dessa maneira, colaborava para o desmoronamento do sistema escravista. (2010, p. 134).

O final da guerra, em 1865, com a vitória do Norte, demarcou também, o fim da escravidão. Aqui vale dizer, que o deslocamento para o norte torna-se um fato notório, visto que marca o momento da emergência das manifestações artísticas negras estadunidenses, o que Álvaro Hattner (1990, p. 70) identificou como “busca de expressão própria, de identidade, de auto-afirmação”.

Sob a emergência dessa escrita negra, os jornais abolicionistas que circularam no período da escravidão já sinalizavam para o aparecimento dessa literatura. De acordo com Hattner (1990), o emergir de uma literatura afro-americana se relaciona diretamente com a experiência do *plantation*⁴, no sul rural estadunidense, até sua migração para os guetos urbanos. A experiência da escravidão determinou, portanto, as primeiras manifestações de uma criação artístico-literária nos EUA e marcaria para sempre a escrita das pessoas afro-americanas, cujos escritos traziam suas crenças e a marca do desejo de libertação, como se pode ver no poema a seguir:

*And it won't be long. And it won't be long,
And it won't be long, Poor sinner suffer here.
We'll soon be free.*

³ Também chamada de Guerra Civil.

⁴ Sistema agrícola baseado na monocultura, no cultivo em latifúndios e na utilização de mão de obra escravizada.

*The Lord will call us home.*⁵(FOERSTER, 1970, p. 65 apud SALGUEIRO, 2004, p. 49).

Tal quais outros países que experienciaram a escravidão, a abolição da escravatura nos Estados Unidos não significou uma mudança nas condições de humanidade da população negra, mas as/os remeteu à marginalidade, agora nos guetos urbanos para onde migraram e onde continuaram a enfrentar os problemas da miséria, do racismo e da violência - à segregação, fundamentada na doutrina de pureza racial.

Contudo, não é nosso objetivo, aqui, esgotar a história do período da escravocrata nos EUA, mas observar como esta história foi determinante para a emergência dos escritos negros, em um processo de tradução cultural, - “o processo de negociação entre novas e antigas matrizes culturais, vivenciado por pessoas que migraram de sua terra natal” Elas tem diante de si, uma cultura que não as assimila e, ao mesmo tempo, não perdem completamente suas identidades originárias. Mas precisam dialogar constantemente com as duas realidades. (HALL 2000, p. 88-89). Assim, os escritos negros emergem da dialética entre a língua do opressor e língua trazida da terra natal no continente africano, do trabalho nas lavouras que fazia nascer o espírito de comunidade e o desejo de liberdade, inspirando a escrita futura, como Walker, em sua prosa womanista⁶:

escritores/as negros/as parecem sempre envolvidos em uma moral e/ou força psicológica [...] mas por um sentimento de liberdade. Talvez porque nossa tradição literária é baseada em narrativas da escravidão, onde o escape para o corpo e a liberdade para a alma caminhavam juntas.⁷(WALKER, 1983, p. 5, tradução nossa).

Assim, a literatura afroamericana já apresenta um de seus princípios: o senso de comunidade, a escrita como espaço de liberdade e de discussões sociais complexas.

⁵ “E não será distante. E não será distante,/E não será distante, o pobre pecador que sofre aqui./Nós seremos livres./O Senhor nos chamará para casa”. (Tradução nossa).

⁶ Em seu livro *In search of ours mother's gardens*, Alice Walker aconselha jovens que desejam trilhar o caminho da escrita.

⁷ “*Black writers seem always involved in a moral and/or physical struggle, [...] expected to be some kind of larger freedom. Perhaps this is because our literary tradition is based on the slaves narratives, where escape for the body and freedom for the soul went together*”.

2. DE PRETA PARA PRETA: ESCRITOS DE MULHER, DE HURSTON PARA WALKER

Nesse momento, debateremos sobre como a escritora negra estadunidense Alice Walker, em um trabalho que envolveu solidariedade feminina racial e uma pesquisa engajada, empreendeu esforços para resgatar as obras de Hurston. Essa jornada é descrita no livro *In search of ours mother's gardens (1983)*, no qual Walker narra a primeira vez que ouviu falar de uma das grandes artistas do movimento conhecido como Harlem Renaissance. Para conhecer Zora Neale Hurston, é também necessário conhecer o movimento do Harlem, e a partir de então, se emocionar com os caminhos da escrita dessa autora. Nessa perspectiva, discutiremos também o lugar da escrita da mulher negra nos Estados Unidos e as estratégias de difusão e circulação de um saber de mulheres negras utilizadas por essas mulheres.

Na década de 1920, um movimento surgiu no bairro do *Harlem*, em Nova Iorque, com o objetivo de valorizar e resgatar a cultura negra além de romper com os padrões artísticos eurocêntricos. Esse movimento ficou conhecido como *Harlem Renaissance*⁸. A escravidão, o racismo e a miséria eram os temas que inspiravam o grupo composto por pintores(as), musicistas e escritores(as) dentre os quais Langston Hughes⁹, Claude McKay¹⁰ e Jean Toomer¹¹, foram os escritores que mais se destacaram nesse período. Para Álvaro Hattner (1990, p. 72), “a Renascença do Harlem cataliza a busca e a descoberta de formas de expressão não vinculada aos modelos estéticos existentes, brancos e ocidentais”. Apesar de, na década de 1920, não gozar do mesmo status de visibilidade dos escritores supracitados, Zora Hurston foi uma das mulheres que participou do movimento do Harlem.

Zora Hurston nasceu em Eatonville, na Flórida, uma cidade fundada por pessoas negras, dentre as quais, seu pai e sua mãe¹². Formou-se em Antropologia e realizou pesquisa sobre o folclore negro em Louisiana, publicada em *Mules and*

⁸ Em alguns textos, esse movimento aparece como Renascença do Harlem.

⁹ O primeiro poeta a ser reconhecido na Renascença do Harlem.

¹⁰ Poeta, nascido na Jamaica, muda-se para os Estados Unidos e passa a viver no Harlem.

¹¹ Publicou poemas e prosa no período do Harlem.

¹² Fonte: <<http://www.pbs.org/wnet/americannovel/timeline/hurston.html>>.

man, que colaborou para que a memória das tradições do sul negro dos EUA permanecesse viva.

Se a visibilidade dos escritores negros no cenário norte-americano era pouca, o aparecimento da produção de autoria feminina foi ínfimo. Ao se observar o período do *Harlem Renaissance*, nota-se uma maior projeção dos homens que compunham o movimento, por exemplo, Langston Hughes, um escritor que conseguiu sobreviver apenas com os ganhos de sua produção. Contudo, nem todos(as) os(as) artistas envolvidos(as) no projeto tiveram esta visibilidade. Pouco se ouviu sobre as mulheres artistas do Harlem. Zora Neale Hurston foi totalmente apagada, o que demonstra o sexismo¹³ que existia dentro do grupo. Hurston morreu solitariamente em 28 de janeiro de 1960, com 69 anos de idade, sendo enterrada como indigente. Treze anos após a sua morte, Alice Walker (1983, p. 107) descobre o local onde Hurston foi sepultada e lá finca uma lápide com os escritos: “*A genius of the South, 1901---1960 /Novelist, folklorist, anthropologist*”¹⁴

Em uma aula de literatura negra, em Jackson State College foi à primeira vez que Alice Walker teve contato com os escritos de Zora Hurston. Segundo Walker, quando precisou ler materiais sobre práticas de *voodoo* no sul rural dos EUA, encontrou apenas o livro da autora do Harlem, *Mules and men*, pois os demais livros tinham sido escritos por pessoas brancas e racistas. Buscou então resgatar e dar visibilidade à sua vida e obra: “comecei a lutar por Zora e seu trabalho, pois o que eu sabia era bom e não deveria ser perdido por nós”¹⁵ (1983, p. 87, tradução nossa).

É importante dizer que, a decisão de resgatar os escritos de Zora Neale Hurston e colocá-los em circulação, reflete uma das bases do pensamento *womanist* de Alice Walker. *Womanism*¹⁶ é um termo cunhado e desenvolvido teoricamente por

¹³ Crença na superioridade inerente de um sexo e, portanto em seu direito de dominar. (LORDE, 2003). Na cultura ocidental, a crença é na superioridade do macho, assim sustentando a relação de dominação e controle das mulheres.

¹⁴ “Zora Neale Hurston/Um gênio do Sul./Escritora, Folclorista, Antropóloga.” (Tradução nossa).

¹⁵ “*I began to fight for Zora and her work; for what I knew was good and must not be lost to us*”.

¹⁶ *Womanism* is to feminist as purple to lavender (WALKER, 1983, xii). Como o termo comporta diversas idéias, não existindo uma tradução exata no português brasileiro, optou-se por utilizá-lo na língua fonte. Contudo, na tradução da obra *You can't keep a good woman down*, as tradutoras Betúlia Machado e Maria José Silveira optaram por traduzi-lo como “mulherismo”. (WALKER, 1987, p. 56).

Walker, que reflete a emancipação política, racial e sexual das mulheres negras sob uma perspectiva de busca de empoderamento¹⁷, por reconhecê-las como o grupo que mais sofre a opressão destas categorias. (WALKER, 1983, COLLINS, 1996). Um dos pontos da teoria pensada por Walker implica no resgate da cultura e das vivências da comunidade negra e, mais especificamente, das mulheres. Para ela, as mulheres devem ser autoras e protagonistas de suas histórias. Desse modo, a escrita de Walker é marcada pela libertação e liberação feminina de amarras constituídas por papéis sociais que reprimem e silenciam mulheres e prega a resistência como o segredo da alegria.

No resgate aos escritos de Hurston, um dos livros que é posto em circulação é o romance *Their eyes were watching God*¹⁸. Considerada a primeira obra afroamericana a abordar a violência de gênero, tem uma heroína negra cujas experiências fazem com que ela descubra sua identidade e alcance a sua independência. Outros três romances são publicados, além de outras produções, um trabalho sobre o qual Walker (1983) assinala que demonstra saúde racial - o sentimento das pessoas negras em sua completude e suas complexidades.

Entretanto, Hurston sofreu severos julgamentos advindos dos homens que faziam parte do movimento do *Harlem*. No prefácio de *Their eyes were watching God*, Mary Helen Washington assinala que o romance foi ridicularizado pelos homens negros do *Harlem Renaissance* cujas críticas foram ainda mais duras que as dos homens brancos, posto que os negros acusavam os escritos da autora de serem despreocupados e cômicos, uma obra para divertir brancos.

Tais críticas impactaram na produção literária de Hurston. De acordo com Walker, até o meio da carreira, Zora Hurston fora uma revolucionária cultural e, no entanto, no fim da carreira, sua escrita se tornara estática e tímida, consequência dos ataques que sua obra sofrera.

¹⁷ De acordo com Ana Alice Costa (2004), empoderamento “é o mecanismo pelo qual as pessoas, as organizações, as comunidades tomam controle de seus próprios assuntos, de sua própria vida, de seu destino, tomam consciência de sua habilidade e competência para produzir e criar e gerir”.

¹⁸ Traduzido para o português do Brasil com o título *Seus olhos viam Deus*, por Marcos Santarrita e publicado pela Editora Record, em 2002.

Zora Neale Hurston, o “gênio do sul”, doente e sem dinheiro, morre e, durante anos, é remetida ao esquecimento e à invisibilidade. Seus escritos só passaram a fazer parte dos círculos acadêmico-literários a partir de 1970, quando outras autoras também vieram a ganhar visibilidade, após uma árdua militância que teve a experiência como principal fonte de reflexão, num contexto em que as mulheres negras passam a denunciar e questionar o racismo e o sexismo que as remetiam à marginalidade e à invisibilidade, tornando suas vozes audíveis e produzindo conhecimentos sobre si, movendo-se pelas fronteiras do dizível, denunciando o que Bernd chama de *mecanismos de exclusão* (ocultação ou invenção do outro) e *mecanismos de transgressão literária* (resgate dos discursos excluídos ao longe desse processo) (BERND, 1992, p.9)

3. SISTAH¹⁹! RESGATE AOS ESCRITOS DE SUA IRMÃ: O QUE A EXPERIÊNCIA DO OUTRO NOS ENSINA

A emergência de uma produção artístico-literária feita por pessoas de cor²⁰ nos Estados Unidos da América não foi uma tarefa simples. Mitos construídos durante o processo escravocrata, agora compunha o imaginário social, fortalecendo os discursos racistas. Dentre esses discursos, existiu aquele que marcava a mulher negra como corpo supersexualizado e reprodutoras, ao passo que, o homem negro foi construído sob o estereótipo de viril e pela apreciação de sua força bruta, aptos para o trabalho. Sob essa ótica, negros e negras tinham o exercício de seu trabalho intelectual limitados, ou como é colocado pela feminista negra bell hooks²¹ para negros e negras exercerem o trabalho intelectual precisavam trilhar um caminho espinhoso (hooks, 1995).

Barbara Christian (2000) pontua que, tais quais as mulheres negras do movimento pelos direitos da mulher do século XIX, as afroamericanas

¹⁹ Black English.

²⁰ É o mesmo que pessoas negras. Walker usa esse termo em seu conto “*Coming apart*”.

²¹ bell hooks, é o pseudônimo de Gloria Jean Watkins. Ela “assina suas obras em minúsculo e requer suas referências tal e qual, com o argumento de que ela mesma não se reduz a um nome e seus textos não devem ser lidos em função deste nome”. (PINTO, 2008, p. 3, NR 1).

contemporâneas produziram largamente em muitas áreas na década de 1970. Contudo, esses estudos não eram reconhecidos pela comunidade acadêmica. Por muitas décadas, os estudos sobre raça eram associados aos homens, ao passo que, os estudos sobre gênero, às mulheres brancas. Isso começa a mudar, ainda que de forma tímida, no início da década de 1980, com o estabelecimento dos estudos das mulheres negras – um resultado da intensa e qualificada produção dessas mulheres. Christian (2000) denuncia ainda, a predileção das instituições sociais contemporâneas pelos homens afroamericanos como verdadeiros *experts* e porta voz quando se trata de criticar a relação entre raça e gênero, o que reflete novamente a estrutura hierárquica, onde homens são colocados como superiores as mulheres.

Buscando a emancipação e a visibilidade intelectual, o aparecimento da produção de mulheres negras se deu, principalmente, nos campos da História e da Literatura (CALDWELL, 2010), enunciando novos parâmetros nos fazeres acadêmicos, ao tempo em que resgatava a história das mulheres negras e de suas experiências do passado, pois a forma encontrada para questionar a condição social destas mulheres foi, exatamente, o uso da memória: o não esquecimento como meio de resgate de suas vivências e de transformação da realidade social.

Caldwell (2010, p. 20) assinala que, ainda no século XIX, “houve uma emergência da militância social e política por mulheres negras e um aumento do número de publicações, tais como literatura, ensaios políticos e textos jornalísticos escritos por mulheres negras norte-americanas” que refletiam sobre o processo de escravidão e a pós-abolição. No século XX, quando os escritos das mulheres negras estadunidenses passaram a ser mais sistematizados, ocorre uma republicação dessas obras bem como o emergir de novos escritos. Dando enfoque ao campo literário, Caldwell destaca que as obras produzidas por mulheres negras na década de 1980, que passaram a ser incluídas na graduação e pós-graduação, além de conquistarem espaços nas editoras, “causaram um impacto muito grande nas universidades norte-americanas e iniciaram o processo de quebra da hegemonia branca e masculina na área de Literatura” (2010, p. 22).

Para Maria Aparecida Salgueiro (1999, p. 141) “escrevendo da perspectiva ‘mulher e negra’, as escritoras de origem africana nos Estados Unidos

examinam a individualidade e as relações como uma forma de caminho para a compreensão de questões sociais complexas”. Escritoras como Maya Angelou, Toni Morrison e Alice Walker são mulheres que abraçaram a missão de continuar a abordar em suas obras os efeitos do racismo e sexismo. Na perspectiva de politizar o literário, o discurso dessas mulheres interpreta a questão da dependência, dos ditos colonizados e denuncia as matrizes do discurso pós-colonizador cuja prática transcultural, entre saber e poética, faz da escrita literária um processo de diálogo que tangencia o peso do contradiscurso, do mal-estar do passado e o peso do presente, um processo vivenciado pela mulher negra do sul estadunidense.

Segundo uma análise de Caldwell (2010), a institucionalização dos estudos sobre o pensamento das mulheres negras, ainda está ocorrendo no Brasil. Certamente, do período da publicação da autora, até o ano de escrita desse artigo (2015), se avançou no Brasil, acerca de uma produção intelectual negra e sobre mulheres negras. Teses como a da professora doutora Cláudia Pons Cardoso²², Lícia Maria de Lima Barbosa²³ denotam que um maior espaço foi conquistado nas universidades quanto aos debates que interseccionam o gênero e a raça. Observa-se também, o aumento do número das publicações das produções literárias de autoria feminina negra, bem como a criação de disciplinas nas universidades que versam sobre afrobrasilidade. Nessa perspectiva, as críticas realizadas pelo feminismo negro têm ajudado a repensar e reestruturar as construções tradicionais na academia.

Sob esse aspecto, autoras negras brasileiras vêm produzindo e fazendo circular seus escritos literários, cujas textualidades evocam uma (re)construção identitária, os questionamentos sobre o *status quo* da mulher negra na sociedade brasileira, as desidentificações com o discurso hegemônico que até então as representavam em nossa literatura. Neste sentido, publicam textos cujos temas perpassam suas experiências – como o belíssimo *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus, de 1960 –, e questões sobre raça e racismo – a exemplo de *Um defeito de cor*, de Ana Maria Gonçalves, de 2006 –, sobretudo

²²Defendeu a tese intitulada *Outras falas: Feminismos na perspectiva das mulheres negras brasileiras*. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/7297/1/Outrasfalas.pdf>

²³Defendeu a tese “Eu me alimento, eu me alimento, força e fé das iabás buscando empoderamento!: expressões de mulheres negras jovens no hip-hop baiano”.

pensando sua escrita como lugar de afirmação do ser mulher negra. Destacam-se, ainda, escritoras como Cidinha da Silva, Miriam Alves, Gení Barbosa e Conceição Evaristo.

Vale ressaltar que a produção dessas mulheres tem sido crucial para o aparecimento da cor na literatura brasileira. Tal como ocorreu nos Estados Unidos, o movimento feminista, que explodiu no Brasil nos anos de 1980, era feito por mulheres brancas e de classe média alta e/ou rica, de forma que a perspectiva da mulher negra raramente aparecia. Contudo, segundo Caldwell (2010), neste mesmo período, mulheres como Lélia Gonzalez, Luiza Bairos, Sueli Carneiro, entre outras, passaram a publicar textos que foram/são estruturadores para o nascimento do pensamento feminista negro brasileiro.

CONSIDERAÇÕES

Apreender a experiência histórica e literária de uma nacionalidade distinta da brasileira apresenta muitas dificuldades, por se tratar de outro contexto, de outra cultura. É a tentativa de imergir no mundo do outro, tocar o que é possível dessa experiência para refletir a sua própria. Contudo, Walker impõe à análise cultural a idéia de descentramento das instituições culturais como forma de exercício do poder, ao passo que aponta a literatura como caminho de resistência. Para Luciane Silva (2010), a literatura produzida pelas mulheres afroamericanas e afro-brasileiras reflete este fazer, através da tradição oral e do uso da memória.

De acordo com Caldwell (2010, p. 20), “as obras escritas por mulheres negras nos anos de 1970 e 1980 fizeram parte dos primeiros trabalhos de um campo de estudo que estava se formando: o campo de estudos sobre a mulher negra norte-americana ou *Black Women’s Studies*”. A produção intelectual das mulheres negras estadunidenses abraça o propósito de emancipação de um grupo que, durante séculos, foi remetido à condição de invisível. Essa escrita é também militância, visto que representa a tentativa de um grupo considerado como minoria romper as fronteiras das margens e fazer ecoar a sua voz. Aqui, a idéia de “menor” é compreendida sob a ótica de Deleuze e Guatarri (1977), onde menor, não é aquela

que diz de uma língua menor, mas o que uma minoria faz dentro de um sistema maior, ou de uma língua maior.

O comprometimento com a recuperação da memória das mulheres negras por parte das acadêmicas negras estadunidense, e o projeto de difusão desses saberes foram cruciais para o reaparecimento dos escritos de Zora Neale Hurston. Pensando sobre o contexto brasileiro, o resgate dos escritos das nossas antecessoras constitui-se em um elemento importante para o embasamento de um projeto de construção de consciência identitária negra. Redescobrir Maria Firmina dos Reis e Carolina Maria de Jesus faz parte desse processo.

É importante, também, refletir sobre as estratégias de visibilidade, nas academias, dos estudos e produções que cooperem para o empoderamento das mulheres negras bem como para a construção de uma episteme feita por e para este grupo e, para isto, deve-se considerar a importância e as contribuições que o movimento feminista negro tem trazido para os modos de produção e circulação de uma escrita negra.

Ressignificar e reelaborar o discurso do opressor, portanto, é abraçar o compromisso de um fazer acadêmico que tem o compromisso com a emancipação das minorias sociais; assim, (des)escrever uma obra feminista/womanista ou pesquisar tais obras significa denunciar com o objetivo de transformar. Preencher de novos significados os corpos das mulheres negras, criar espaços para a circulação de seu saber. Ouvir suas vozes que ecoam através dos séculos não significa apenas deixar a subalterna falar, mas, também, subverter o discurso do dominante.

ABSTRACT

This article intends to reflect as Alice Walker, an afroamerican writer, in a research that involved female and racial solidarity, reflect of her womanist theory, she rescued the works of Zora Neale Hurston, an writer of the Harlem Renaissance, but her productions was invisibly by sexists structures. It intends to think about ways of movement of black women's writing, as well as how the rescue works of Hurston contributed to the systematization of studies on black women in the United States. Thereby promotes ways to think about on the systematization of black women's literature in Brazil and an epistemology made by and for black women.

KEYWORDS: *Literature. Black Women. Rescue. Invisibility.*

REFERÊNCIAS

BERND, Zilá. **Literatura e identidade nacional**. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1992.

CALDWELL, Kia Lilly. A institucionalização de estudos sobre a mulher: perspectivas dos Estados Unidos e do Brasil. **Revista da ABPN: experiências de mulheres negras na produção do conhecimento**. Brasília, v. 1, n. 1, p. 18-27, mar./jun. 2010.

COLLINS, Patricia Hill. **What's in a name?** womanism, black feminism and beyond the black scholar. San Francisco: Winter/Spring, 1996.

COSTA, Ana Alice. **Gênero, poder e empoderamento das mulheres: A química das mulheres**, Salvador, p. 20-21, 8 mar. 2004. Disponível em: <<http://www.agende.org.br>>. Acesso em: 20 jan. 2012.

COSTA, Ana Alice Alcântara; SARDENBERG, Cecília Maria Barcellar. **Feminismo, Ciência e Tecnologia**. Salvador: Bahiana, 2002. Disponível em: <www.neim.ufba.br>. Acesso em: 3 fev. 2012.

CHRISTIAN, B. Black Feminism and the Academy. In: BACK, L; SOLOMOS, J. (Ed.). **Theories of race and racism: a reader**. New York: Routledge, 2000, p. 462-477

DELEUZE, G; GUATARRI, F. **Kafka: por uma literatura menor**. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

HATTNER, Álvaro L. Literatura negra dos Estados Unidos: da “plantation” ao gueto, resistência e criação. *Itinerários - Revista de Literatura*, Araraquara, UNESP, n. 1, p. 64-76, 1990. Disponível em: <<http://seer.fdar.unesp.br/itinerarios/article/view/1238/1006>>. Acesso em: 19 maio 2015.

hooks, bell. Intelectuais negras. In: **Estudos Feministas**, Rio de Janeiro, ano 3, v. 3, n. 2, p. 464-478, 2. sem. 1995.

HURSTON, Zora Neale. **Seus olhos viam Deus**. Tradução Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Record, 2002.

KARNAL, Leandro; et al. **História dos Estados Unidos**: das origens ao século XXI. São Paulo: Contexto, 2010.

LORDE, Audre. **La hermana, la extranjera**. Madrid: horas y HORAS, 2003.

MINTZ, SIDNEY W.; PRICE, RICHARD. **O nascimento da cultura afro-americana**: uma perspectiva antropológica. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Pallas, 2003.

SALGUEIRO, Maria Aparecida Andrade. Mulher, literatura e poder, as escritoras afro-americanas contemporâneas. In: REIS, Livia Freitas de; VIANNA, Lúcia Helena; PORTO, Maria Bernadette (Org.). **Mulher e Literatura**. Rio de Janeiro: EDUFF, 1999. v. 1, p. 140-148.

SALGUEIRO, Maria Aparecida Andrade. **Escritoras negras contemporâneas**: estudo de narrativas; Estados Unidos e Brasil. Rio de Janeiro: Caetés, 2004.

SILVA, Luciane Nunes da. Escrita, experiência e memória: uma leitura de *Becos da Memória* de Conceição Evaristo. In: SEMINÁRIO FAZENDO GÊNERO, 9., 2010, Florianópolis. **Anais eletrônicos**: diásporas, diversidades, deslocamentos. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2010.

WALKER, Alice. **In search of our mothers' gardens**. New York: Harcourt, Brace Jovanovich, 1983.

WALKER, Alice. **Meridian**. New York: Pocket Books, [1976] 1986c.

WALKER, Alice. **Ninguém segura essa mulher**. Tradução Betúlia Machado e Maria José Silveira. São Paulo: Marco Zero, 1987.

WALKER, Alice. **You can't keep a good woman down**. London: The Women's Press Fiction [1981] 1986a.